

**A ATUALIDADE DA *TEORIA ESTÉTICA* DE THEODOR ADORNO [RODRIGO DUARTE;
DANIEL PUCCIARELLI (ORG.)]**

DOI: <http://doi.org/10.9771/gmed.v14i1.47278>

Wesley Sousa¹

Título: A atualidade da teoria estética de Theodor Adorno

Organização: Rodrigo Duarte e Daniel Pucciarelli (org.)

Cidade e editora: Belo Horizonte: Impressões de Minas

Ano da publicação: 2020

Páginas: 196

O livro *A atualidade da teoria estética de Theodor Adorno* foi publicado ao final de 2020 pela editora *Impressões de Minas*. Na apresentação do livro, os organizadores – Rodrigo Duarte e Daniel Pucciarelli – ambos professores na UFMG, afirmam que as “seções e contribuições do livro reproduzem as do evento que, por sua vez, refletem a diversidade de aspectos que compõem a *Teoria Estética*” (DUARTE; PUCCIARELLI, 2020, p. 3). Evento este que foi dedicado ao pensamento de Theodor Adorno na própria UFMG. A publicação reaviva um debate importante nos dias de hoje: *a função e estrutura da arte hoje na sociedade, tanto teórico quanto na práxis*: sobretudo, pensar a “era digital”, bem como a *perda da imanência da obra de arte* – a perda da aura; *o vazão do conteúdo da arte*; *a arte como forma de práxis social*, etc. Por tudo isso, percebe-se que, em cada texto, tomando como fio condutor a obra de estética filosófica de Theodor Adorno, o título “atualidade” não é por acaso ou mera retórica: os temas e discussões apontam não para o passado ou à teoria pura e simples, mas volta-se para o presente e futuro da arte, seus dilemas e incursões sociais via o pensamento filosófico. Em alguns artigos do livro, retomando e revigorando a famosa tese da “indústria cultural”, que, dos anos de 1940, foi apresentada ao público por meio da publicação da *Dialética do Esclarecimento* [Dialektik der Aufklärung], em conjunto com o também filósofo alemão Max Horkheimer (1895-1973).

O livro está, por sua vez, dividido em quatro (4) partes temáticas: a primeira é intitulada *Belo Artístico e Belo Natural*. Nessa parte são dois artigos: o primeiro deles é da professora Silke Kapp, cujo texto é *Canteiros da arte: entre Adorno e Ferro*, que a autora trabalha a concepção ampla de “arquitetura como *processos e produtos da transformação do espaço pelo trabalho humano*” (KAPP *apud* DUARTE; PUCCIARELLI, 2020, p. 16 – itálicos da autora). Essa relação entre a estética de Adorno com a arquitetura, pois, assume contornos que, segundo a autora, o arquiteto Sérgio Ferro, leitor da *Teoria Estética*, traz essa aproximação no sentido de que a abordagem do autor alemão acerca da arquitetura poderia ter sido mais ampla. Segundo Kapp, Ferro evidencia, todavia, que a diferença fundamental entre a arquitetura e outras modalidades artísticas está na

espera da produção. Enquanto outras artes conseguem subsistir numa economia capitalista “como fornecedoras de artigos de luxo capazes de atrair renda previamente acumulada, a construção [arquitetura] importa ao capital, antes de tudo, como renda farta e direta de mais-valor” (KAPP *apud* DUARTE; PUCCIARELLI, 2020, p. 20). Assim, caberia pensar hoje a forma da construção em sua forma de práxis social. Em outras palavras, Kapp reafirma o caráter artístico da arquitetura, mas ao passo que ela é, desse modo, construtora de um mundo, em seus “canteiros”.

No segundo texto dessa seção, *A articulação dialética entre o belo natural e o belo artístico*, cuja autoria é de Bruno Pucci, versa acerca das considerações que Adorno faz de Immanuel Kant, na sua *Crítica à faculdade do Juízo* e, por outro lado, da obra *Estética* de Georg Hegel. Essa discussão entre o *belo natural de Kant e o belo artístico de Hegel*, como Pucci salienta, é o argumento de que “Hegel, em contraposição a Kant, não atribui ao belo natural a sua dignidade histórica, nos diz Adorno. Considera-o pré-estético, por não ser totalmente dominado pelo Espírito” (PUCCI *apud* DUARTE; PUCCIARELLI, 2020, p. 37). Assim, Adorno recomporia o debate estético nesses dois autores, já que “Hegel considera o belo natural como algo subalterno” (PUCCI *apud* DUARTE; PUCCIARELLI, 2020, p. 38). E essa articulação feita por Adorno entre a teoria kantiana e a hegeliana, referentes à estética, aponta para um diálogo que visa superar a suposta “superação” de Hegel, em consequência, repondo a questão do belo natural (criticada por Hegel) como uma maneira que possui “um caráter modelar específico para o belo artístico; por isso, não se pode abandonar, na consideração do belo, a ideia do belo natural” (PUCCI *apud* DUARTE; PUCCIARELLI, 2020, p. 39).

A meu ver, o texto de Pucci é o mais hermético e, ao mesmo tempo, mais exigente teoricamente, pois, se de um lado, repõe a questão da articulação do belo natural e do belo artístico como dois instantes da produção artística em sociedade, por outro lado, mostra que a teoria adorniana permite que, em verdade, mostrar “na experiência que aplica àquele”. Com isso, destacamos aqui, Pucci relembra que, em Adorno, há uma consonância em relação a Walter Benjamin, já que ao segundo, “a afinidade eletiva entre o belo natural e belo artístico” se fazem notáveis (PUCCI *apud* DUARTE; PUCCIARELLI, 2020, p. 41). O desfecho do texto mostra, a partir do conto “Recado do Morro”, de Guimarães Rosa, em que evidencia a relação dialética entre o belo artístico com o belo natural na obra literária do poeta e escritor mineiro.

A segunda seção do livro se chama *Arte como forma de práxis*. Nessa parte, são três (3) os artigos, a saber: *Nos passos da Teoria Estética: o curso Estética (1958/59) de Adorno*, escrito por Douglas Garcia Alves Júnior, já o texto *Arte como práxis da consciência: notas sobre o pensamento estético de Adorno* é da autora Lucyane de Moraes; já o terceiro, cuja autoria é de Daniel Pucciarelli, intitulado *A imanência da sociedade na obra de arte*.

No texto de Douglas Alves Júnior, sua proposta é remeter ao leitor que a publicação desse curso dado pelo autor alemão, publicado somente em 2009, consistiu em “abordar a temática dialética de razão e natureza, sujeito e objeto”, como parte do percurso da construção adorniana da estética; e também no argumento das “críticas adornianas à indústria cultural pressupõem uma avaliação propriamente estética do elemento subjetivo na arte”; e, também, a arte “como um tipo de práxis”, ou seja, “articular um ‘sentimento de mundo’” (ALVES JÚNIOR *apud* DUARTE; PUCCIARELLI, 2020, p. 57). Nesse sentido, o pequeno texto se insere, como o autor explicita, na intenção de mostrar *algumas pistas* teóricas de Adorno até a elaboração de sua *Teoria Estética*. O argumento do autor no texto é perspicaz: traz o que a obra de Adorno

tem de potencial crítico, emancipatório, que deslinda a suposta ausência “de pensar os contornos positivos do que seria uma sociedade emancipada, fim último de todo esforço do pensamento e de ação críticos do existente reificado” (ALVES JÚNIOR *apud* DUARTE; PUCCIARELLI, 2020, p. 58). A relação entre história, arte e sociedade, já esboçadas desde a *Dialética do Esclarecimento*, aponta que a arte se coloca no devir histórico, a partir disso, na sociedade capitalista: “a indústria cultural favorece experiências que parecem estéticas, mas na verdade, são ou vivências fragmentárias de um prazer puramente sensorial, ou vivências de um sentido totalizante da experiência social da dominação” (ALVES JÚNIOR *apud* DUARTE; PUCCIARELLI, 2020, p. 62). O texto, em suma, cumpre o esforço de apresentar os elementos, de modo claro e sintético, que a arte como “sentimento de mundo” [Gefühl von der Welt], segundo Adorno. A práxis artística não seria refratária de uma teoria que ignora o azo do potencial artístico frente ao mundo *desumanizado*.

Na sequência, temos o texto de Lucyane de Moraes. Em seu texto, a autora enfatiza a consciência de que a suposta antinomia entre teoria e prática seria uma “abstração”, isto é, produto de uma *coisificação* da realidade social. Esta cisão, relacionada à separação entre sujeito e objeto, estaria consubstanciada, segundo a palavra de Adorno, em um viés crítico a esse procedimento. A autora, então, afirma no seu texto que Adorno pôde “reafirmar o quanto a teoria é passível de se converter em força produtiva transformadora, prática, sob a ótica do pensar dialético” (MORAES *apud* DUARTE; PUCCIARELLI, 2020, p. 69). Essa crítica, relembra a autora, faz com que Adorno possa pensar a crítica do puro ativismo ou da pura abstração, a pura especulação. Essa noção, sobrevém, à luz da famosa tese *11 ad Feuerbach* de Marx: “Os filósofos apenas *interpretaram* o mundo de diferentes maneiras; porém, o que importa é *transformá-lo*” (MARX, *in*. MARX; ENGELS, 2007, p. 539 – itálicos do autor). Além disso, a autora menciona que a crítica de Adorno, reafirma que o pensar dialético, que supera essas falsas antinomias ou bipolaridades, resgata “a capacidade da reflexão teórica, para além de tudo o que se estabelece meramente em sentido prático” (MORAES *apud* DUARTE; PUCCIARELLI, 2020, p. 74). Nesse aspecto, a autora explora a tese da “*desartificação da arte*”. Conforme aparece na *Teoria Estética*, bem como em outros textos de Adorno da maturidade, segundo Moraes, uma das preocupações de Adorno estaria em “pensar sobre uma possível origem do conceito adorniano de desartificação da arte, circunscrito inicialmente pelo polo específico de uma arte feita sem reflexão produzida meramente em termos práticos” (MORAES *apud* DUARTE; PUCCIARELLI, 2020, p. 76). Em síntese, pensar a arte como práxis da consciência, adverte Moraes, “reitera-se a também necessidade imperativa de se restituir à crítica o poder da teoria, para além da mera práxis, mediante um *fazer* coincidir entre conceito e objeto” (MORAES *apud* DUARTE; PUCCIARELLI, 2020, p. 94).

Daniel Pucciarelli, a partir de uma leitura cuidadosa do texto de Adorno, conseguiu, de modo bastante instigante, recentrar a capacidade crítica da obra de arte diante *da* sociedade. Em outros termos, Pucciarelli argumenta que “Adorno defende a tese de que o teor social da arte reside em sua autonomia, no modo de sua produção, e no nível da forma” (PUCCIARELLI *apud* DUARTE; PUCCIARELLI, 2020, p. 101). A tese do autor, que perpassa ao longo de seu texto, é de trazer a relação entre a arte e sociedade, na medida em que “compõem um elemento essencial de seu campo de forças” (PUCCIARELLI *apud* DUARTE; PUCCIARELLI, 2020, p. 100). Essa tese é chamada de “teoria de parentesco”. O que seria,

então, essa “teoria de parentesco”? Segundo o autor, se trata de especificar os termos da referentes às ligações do princípio de troca e princípio de identidade. E a maneira como isso se dá, na teoria de Adorno, seria a seguinte:

A arte repete em si, de maneira modificada e neutralizada, a práxis, isto é: ela se constitui ela mesma como reflexão da práxis, através de sua autonomia e lógica formal específicas. Como tal, ela é simultaneamente mais e menos do que a práxis: menos porque ela é justamente um modo de reflexão, que “recua diante do que deve ser feito”; mais porque, como reflexão, ela é também crítica à práxis” [...] Assim se se pode falar de uma dimensão prática dos construtos artísticos, ela se dará necessariamente sob o signo dessa dualidade: internamente atrelada à sociedade e a uma certa ideia de transformação social, toda arte é, ao mesmo tempo, uma crítica à violência sempre contida implícita ou explicitamente na práxis” (PUCCIARELLI *apud* DUARTE; PUCCIARELLI, 2020, p. 109).

A citação, pela qual fazemos questão de trazer à pessoa leitora aqui, é o cerne argumentativo do texto. O elemento que está sendo colocado: a *imanência da sociedade na obra, não o oposto*. Embora o contrário possa ser dito, o que consistirá em virtude essa forma de práxis da arte é que ela tem seu potencial crítico, ou seja, negativamente exposta contra a sociedade. Por isso, então, embora nos pareça contraintuitivo, mas notoriamente coerente, o solo social da arte. O artigo de Pucciarelli pode ser considerado aqui o ápice teórico do livro.

Na sequência, a terceira seção é intitulada *Sublimação e experiência estética*, em que os autores Verlaine Freitas, com o texto *Três momentos do conceito de sublimação em Theodor Adorno*, e Luiz Calmon Nabuco Lastória, cujo texto se sua lavra é *Sublimação na experiência estética*, fazem interseções com a teoria psicanalítica de Sigmund Freud (1856-1939). Segundo Verlaine, em diálogo crítico com a teoria psicanalítica de Freud, sobretudo, no que diz respeito à questão da sublimação, se referiria a três (3) pontos nodulares da teoria adorniana diante de Freud. Esse diálogo, pois, permite o esforço de demonstrar que há dupla crítica do primeiro ao segundo: “tende a descurar os problemas inerentes à constituição do artefato estético, e, no sentido oposto, favorecer um formalismo próximo ao kantiano” (FREITAS *apud* DUARTE; PUCCIARELLI, 2020, p. 128).

Verlaine remete ao leitor que a sublimação seria “parte da lógica de concretização da obra” (FREITAS *apud* DUARTE; PUCCIARELLI, 2020, p. 129) – algo que nos chama atenção na leitura atenta. Com isso, a sugestão de Verlaine, segundo a qual Adorno estaria dialogando, a respeito da crítica da racionalidade instrumental, haveria uma crítica aos elementos puramente psíquicos e emotivos da construção da obra de arte. Em suma, através da construção religiosa, política ou ideológica, a obra ultrapassa a essas dimensões em seu *constructo e imanentismo laborativo*: “Enquanto Freud dizia que artista sublima seus impulsos sexuais e conteúdos representativos ligados a eles, como símbolos do genitais e fantasias inconscientes, Adorno concebe a arte como sublimando também a política, a ética, a religião, a racionalidade, a ciência etc.” (FREITAS, *apud* DUARTE; PUCCIARELLI, 2020, p. 130). Verlaine, nesse ponto, expõe de modo decisivo a problemática da sublimação.

O texto de Lastória, nesse aspecto, segue os passos dados por Verlaine. A conexão do tema tratado, para Lastória, remete aos desdobramentos da teoria das pulsões na psicanálise. Não obstante, segundo o texto, um elemento de interesse surgido na leitura é, pois:

Nas obras contemporâneas a questão da autoidentidade é, via de regra, posta em xeque. E, no que tange ao sujeito, pode-se dizer que a sublimação, tal como Lacan a compreendeu, implicará em conceder uma forma à contradição estabelecida entre a sua relação objetual fantasmática colonizada pelo imaginário, por um lado, e aquele algo indeterminado (Coisa) presente naqueles objetos que não se deixam representar por completo, por outro” (LASTÓRIA, *apud*. DUARTE; PUCCIARELLI, 2020, p. 151).

Com isso, a linha argumentativa do autor consiste em trazer o que a psicanálise oferece enquanto *corpus* teórico e, na relação disso com a estética filosófica da lavra de Adorno, à teoria contida na *Teoria Estética*. Cabe ressaltar que as incursões feitas pelo autor mostram que, antes de Adorno se deixar “influenciar” pela psicanálise pura e simplesmente, Lastória chega a deixar implícito que, na verdade, o filósofo alemão fez um diálogo crítico, bem ao “estilo” dialético (algo que Verlaine é mais explícito nesse ponto): Adorno partiria da crítica (*negativa, dialética*) para salvar o que lhe é mais pertinente (sublevação). Portanto, “a partir das reflexões estéticas empreendidas por Adorno ela pôde ser vista como *a historiografia inconsciente de sua época ao aspirar fazer falar o silêncio*” (FREITAS *apud* DUARTE; PUCCIARELLI, 2020, p. 152 – itálicos do autor).

A quarta e última parte, cujo título é *Aporias da arte contemporânea*. São dois textos: o primeiro texto se intitula *Aporias da arte contemporânea: as teses do fim da arte*, escrito por Rachel Cecília de Oliveira. O texto, o segundo dessa seção e derradeiro do livro, foi escrito por um dos organizadores, Rodrigo Duarte, e intitula-se “*Teu corpo na fumaça pelo ar*”: *Adorno e a questão da poesia após Auschwitz*. O texto de Rachel Oliveira trabalha a tão propalada tese do “fim da arte”, posta por Hegel em sua *Estética*. A autora argumenta que as teses acerca do “fim da arte” seria a “aporia mais recorrente na discussão tanto da filosofia, quanto da história e da teoria”. Desse modo, a partir da leitura da filosofia adorniana, Oliveira retoma a perspectiva de que “o problema da estética está na conjugação entre o universo concreto da obra de arte e uma estrutura conceitual que não seja pré-determinada” (OLIVEIRA *apud* DUARTE; PUCCIARELLI, 2020, p. 159), algo que vem desde Kant e Hegel, com suas concepções idealistas, o que, segundo a autora, Adorno via esse problema do “fim da arte” advindo das continuidades das teses dos dois filósofos clássicos. O caráter aporético da tese sobre o fim da arte está adstrita à noção de um surgimento nódulo especulativo de Hegel. O diagnóstico hegeliano seria, nesse diapasão, “um discurso cíclico, pois começa e termina com a leitura da obra do filósofo” (OLIVEIRA *apud* DUARTE; PUCCIARELLI, 2020, p. 161). Com isso, Oliveira demarca esse “caráter aporético” do problema: o problema, portanto, se tornaria duplo: “está tanto na base idealista de sua filosofia, quanto na própria origem da tese do fim da arte” (OLIVEIRA *apud* DUARTE; PUCCIARELLI, 2020, p. 161). Por fim, a autora adverte, como poderiam pensar alguns, que Adorno pensaria a arte como totalidade. E não é o caso. O artigo repõe a discussão filosófica acerca dessa aporia, mas sem cair nas amarras idealistas de suas discussões.

O artigo de Rodrigo Duarte marca o texto final do livro. De certo modo, a questão do “fim da arte” está como pano de fundo do texto de Duarte. Ao trazer a questão da “poesia pós-Auschwitz”, Duarte argumenta que, mediante da “impossibilidade da poesia depois dos campos de extermínio não dever ser tomada tão literalmente – como frequentemente o foi”, prossegue Duarte, “a mencionada resistência que a poesia poderia exercer não autorizaria a se descomprometer inteiramente com a memória da opressão

superlativa representada pelos campos de extermínio” (DUARTE *apud* DUARTE; PUCCIARELLI, 2020, p. 182). Duarte retoma a ideia que, no argumento sobre “poesia pós- Auschwitz”, o que está em jogo não é se não há poesia ou não a ser feita, mas sim “que” tipo de poesia. O enlaçamento entre o racionalismo formal, a mitologização da razão e a forma violenta com o que capitalismo se caracteriza, revela que, diante da teoria estética de Adorno, sobretudo seu livro homônimo, ter-se-ia contribuições “entre a arte e a filosofia, no sentido de que aquela torna imediatamente intuível o que essa propõe em termos discursivos e racionais num sentido mais estrito” (DUARTE *apud* DUARTE; PUCCIARELLI, 2020, p. 186). O seguinte aspecto é atinente aqui: Duarte, em outra oportunidade, asseverava ainda que, no sentido de que a “indústria cultural tenha se modificado bastante desde os seus primórdios nos primeiros anos do século XX até hoje, é evidente que alguns de seus elementos fundamentais se preservaram” (DUARTE, 2010, p. 9), fazendo valer, portanto, a justificativa dessa incorporação crítica inaugurada por Horkheimer e Adorno para pensar, enfim, o destino da própria arte sob o capitalismo.

Por isso, reafirmo, agora conclusivamente, que a presente publicação do livro remonta um debate cada vez mais necessário. Essa “necessidade”, conforme é enfatizado nesta resenha, é o argumento que sob a forma-mercadoria, a marca característica específica e primordial do capitalismo enquanto relação de produção, filósofos como Theodor Adorno, baseando-se nas influências críticas da dialética hegeliana e, de certa maneira, no materialismo marxista, puderam desbravar, não apenas o conteúdo social da arte, mas à crítica teórica que permeia a práxis artística, os modos da “estetização”, e a perda da aura da obra de arte, segundo a dicção de Walter Benjamin. Para o leitor ou leitora do livro, o material que agora vem a público sob a organização dos dois professores, pode ser visto como um aporte que interessa tanto aos estudantes de ciências humanas e sociais acerca dos temas envolvidos, quanto os leitores críticos e intérpretes da arte contemporânea. Em síntese, pode-se dizer que o livro reconduz e nos apresenta o fio condutor que pode ser traçado nos nove (9) textos componentes: *os problemas decorrentes da mercantilização da arte, as relações entre a práxis e a obra, a desvalorização do artista pela divisão social do trabalho e a deformação dos sentidos humanos em virtude da manipulação dos sentidos pela indústria cultural, etc. estão colocadas sob os destroços da sociedade capitalista*. Nesse ínterim, a ilusão de liberdade do artista decorrente do assalariamento e do “mundo administrado” se faz cada vez mais presentes (cf. ADORNO; HORKHEIMER, 1985). O livro mostra, enfim, um trabalho rico em conteúdo e na sua intervenção na realidade social.

Referências:

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

DUARTE, Rodrigo; PUCCIARELLI, Daniel (org.). **A atualidade da teoria estética de Theodor Adorno**. Belo Horizonte: Impressões de Minas, 2020.

DUARTE, Rodrigo. **Indústria cultural**: uma introdução. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

MARX, Karl. Ad Feuerbach. *In*: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução Rubens Enderle; Nélio Schneider; Luciano Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 537-539.

Notas

¹ Licenciado em Filosofia pela UFSJ. Ex-bolsista PIBID pela CAPES. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3491578861171546>.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7638-5275>. E-mail: wesleysousa666@outlook.com.

Recebido em: 08 de dez. 2022

Aprovado em: 27 de mar. 2022